

## O *EROS* FILOSÓFICO

Antonio Luiz Figueiredo Cardoso

---

Professor do Curso de Filosofia da UVA  
Mestre em Filosofia pela UECE  
[mano.philo@yahoo.com.br](mailto:mano.philo@yahoo.com.br)

Em certa passagem do “Banquete” platônico Sócrates afirma: “Ninguém votará contra tua proposta, Erixímaco, certamente não eu, que declaro nada entender senão de assuntos amorosos”. Na ocasião Erixímaco propõe que os partícipes da homenagem ao poeta Agatão façam cada um o elogio (*encômio*) do amor. Surpreendentemente Sócrates sustenta entender apenas de tal assunto, o que nos deixa atônitos, pois se um filósofo de sua envergadura diz que o amor ocupa o centro de suas preocupações somos instados a perguntar que lugar seria atribuído pela filosofia às elaborações racionais na produção de sentido. A resposta a isto exige penetrarmos nas condições primárias que tecem a condição humana em sua peculiar manifestação mas, sobretudo, o que acontece quando nesta condição acionamos as faculdades cognitivas. Os discursos sobre o amor que se seguem neste magnífico texto preparam o momento em que Platão falará da filosofia como uma aventura “espiritual” marcada pela insaciedade e pelo deslocamento constante entre dois limites intransponíveis. Diferentemente do que supomos, esta pulsão indomável não recorre a “Apolo” e seu límpido ordenamento racional, muito menos a “Atena” e sua sabedoria civilizadora para mover a “alma” entre um limite a outro. Tal tarefa é atribuída a “Eros”. E este é desejo. Sendo assim, a inscrição do desejo na raiz mesma de todo impulso filosofante entrelaça em uma mixórdia bizarra aquilo que cirurgicamente os analistas da alma humana insistiam em separar.

Se eros exerce mesmo esta função descrita por Platão, então a “experiência” filosófica é, antes de tudo, uma energia transgressora que demanda a presença integral do homem em seu inextinguível anseio de reintegrar-se a divindade. Ou seja, todo o nosso ser, razão e sensibilidade, *logos* e *aisthesis*, se encontra empenhado na realização de um desejo profundo contido em uma condição que não se contenta em ignorar as coisas, mas que também reconhece não ser capaz de sabedoria. Assim, a filosofia é “erótica” por inspiração e constituição ontológica. E isto porque apenas o trauma provocado pelo saber da ignorância (condição para que haja filosofia) libera Eros de sua constrição

domesticante e instaura a consciência insatisfeita no reconhecimento deste único saber possuído. Uma vez em vigília Eros “exuma” a inteligência e a ressuscita do enrijecimento das concepções familiares. Sendo assim, a consciência despede-se da vida inautêntica que levava junto ao *ethos* que a acolheu, mas que não escolheu, e se abre à refundação de sua experiência em bases novas (*metabasis*). Dito de outro modo, ser e ser filósofo são agora indistintos. O desejo erótico pela supressão da ignorância inverte a relação até então estabelecida entre cognição filosófica e existência. Não se trata mais de conceber uma experiência filosófica da existência, mas sim de considerar a existência mesma como uma experiência filosófica. Em certo sentido, a filosofia torna-se um “estilo de vida” no qual não há mais lugar para a “finitude”. Isto bem entendido, indica a experiência filosófico-amorosa como desejo incoercível de gerar o belo e o bom pela cifra da imortalidade.

É neste sentido que se pode falar de uma “ascensão” erótica que nos conduz ao abandono do insubstancial e precário domínio dos entes. Através da beleza desejada por Eros a alma palmilha uma senda em cujo termo defronta-se com o limite do conhecível para uma condição encarnada. Ocorre um processo de “substancialização” do belo pelo qual a experiência da beleza sensível (paradoxalmente a única capaz de despertar a alma dos limites do corpo) transtorna-se ao ponto de se manifestar em uma forma “divina”. E é, precisamente, na contemplação do belo “em si e por si” que se consuma a substituição do finito pelo infinito. O propósito platônico não tem nada de modesto. Ao contrário, exige a adoção da imortalidade divina como único critério eficaz para minimamente cercar de significados uma vida que em geral é atribulada e nos dispõe ao pessimismo. Entretanto, se tal interpretação estiver correta, então o filosofar nos apresentaria a um só tempo duas funções centrais e duas contradições insolúveis.

Primeiro, conhecer o ente é uma dessas funções, todavia, isto implica desconhecê-lo. Como expusemos antes, a ascensão erótica apenas é possível pelo ultrapassamento gradual das instanciações empíricas que finitizam e degradam o belo “em si e por si”. Neste sentido, o que conhecemos não é de modo algum o ente tal qual se apresenta a nossa estrutura perceptiva, mas sim o que resulta de sua transcrição inteligível (*eidos*). Isto é, somente conhecemos o ente ao abandoná-lo. Obviamente isto é uma bizarrice lógica. Por outro lado, a filosofia seria uma espécie de disciplinamento do corpo (fonte da experiência), à medida que este sob o impulso erótico cederia às

faculdades anímicas superiores (*dianóia* e *nous*) o controle da experiência. Neste sentido, a plenitude da experiência resultaria na suspensão do corpo, entendido como *topos* primário e base das operações da alma. E não vale objetar que Eros preservaria o corpo no exercício da filosofia, pois Eros não é o propósito deste, mas sim o meio pra se atingir o significado profundo da própria experiência corpórea. Ou seja, o corpo é o meio pra se atingir seu significado pleno, todavia, isto exige ignorá-lo a partir de certo estágio da busca filosófica.

Se isto for assim mesmo, devemos indagar: de que modo encontraríamos uma interpretação do *Banquete* que ao mesmo tempo acentue a surpreendente dimensão erótica da filosofia sem incorrer em tais contradições insolúveis? Talvez a resposta se encontre na tese de Lucáks segundo a qual a filosofia platônica é a metafísica da nostalgia, e é de tal maneira que ela cria seu objeto sem jamais coincidir com ele. Sendo assim, não seriam mais tarefas da filosofia conhecer os entes e disciplinar as demandas do corpo e *ipso facto* aquelas contradições perderiam o sentido. A filosofia conheceria somente aquilo que produz e não os entes. Por outro lado, o corpo não seria ignorado no ato de significar a experiência, à medida que o que esta em jogo é a recuperação de algo já possuído e não o sentido da experiência presente. No fundo o que se pretende é tornar uma posse reconhecida o que desde sempre, sem que o soubéssemos, estaria dormitando em nossa alma. De qualquer modo a filosofia não seria capaz de atingir o objeto por ela criado, pois em uma condição onde as potências anímicas são tolhidas pelos desvios da matéria o mínimo que se pode admitir é uma assimetria fundamental entre a verdade e aqueles que desejam.

Todavia, o que pareceria ser a admissão de fracasso é na verdade a virtude que redime a própria filosofia. Ou seja, se reconhecermos que há uma desigualdade intransponível entre o desejo da ideia e a sua realização dada a incongruência entre a nossa condição e o que constitui a verdade noética, então somente como seres nômades podemos nos dispor ao filosofar. Assim, o exercício filosófico possui como exigência central um sincero desprendimento enquanto “fármaco” que previne a formulação do pensamento em concepções pétreas. Em certo sentido Eros apresenta-se como timoneiro desse nomadismo que se recusa a repousar em verdades estabelecidas por assentar-se em uma condição assumidamente débil e, por isso mesmo, incapaz de

apropriar-se da perfeição da verdade noética. Por outro lado, por ser desejo seu nomadismo também indicaria uma fluidez insatisfeita que o faria percorrer incessantemente os dois planos da experiência a que estamos submetidos. Nesse aspecto seu papel de mediador cósmico não poderia ser melhor enfatizado assim como o sentido da prática filosófica que enquanto ânsia permanente que por sua própria natureza é insatisfeita não poderia manifestar-se senão como força de ruptura e suspensão da validade do efetivo.

Assim, para aqueles que desejam seguir o *Eros Filosófico* e seus trajetos sinuosos não haveria melhor modo de celebrar e afirmar a experiência filosófica do que na negação daquilo que se apresenta e na abertura do campo dos possíveis. Se a verdade não pode ser alcançada de modo pleno pela condição humana que ao menos sejamos capazes de, como Eros, transformar a insatisfação em disposição para o movimento traduzida em uma profusão criativa que redesenha o mundo ao mesmo tempo em que amplia nossa humanidade.

Revista Eros	Ano 1	n. 1	Outubro-Dezembro 2013	p. 1-4
--------------	-------	------	-----------------------	--------